

**O embate entre narrativas midiáticas:  
uma análise sobre as queimadas na Amazônia em 2019**

*The clash between media narratives:  
an analysis of the burning in the Amazon in 2019*

Mayra Regina COIMBRA<sup>1</sup>  
Mariane Motta de CAMPOS<sup>2</sup>

**Resumo**

Se por muito tempo as mídias tradicionais se configuraram como as únicas responsáveis por narrar os fatos e contribuir no processo de construção da realidade, atualmente nota-se que, elas passaram a ter que competir espaço com a chegada das redes sociais, configurando em uma guerra de narrativas. O artigo se propõe a investigar a guerra de narrativas envolvendo o episódio político de queimadas na Amazônia. A pesquisa documental compreende a coleta da *live* produzida pelo presidente Jair Bolsonaro no dia 22 de agosto de 2019 e 35 notícias publicadas pelo Jornal *Folha de S. Paulo* no período de 19 a 22 de agosto de 2019 relativo às queimadas. É feita uma Análise de Conteúdo Bardin (2011), procurando verificar como se dá uma disputa de narrativas entre os atores sociais – no caso o presidente, a imprensa e as fontes ouvidas pelo jornal.

**Palavras-chave:** Guerra de Narrativas. Imaginário Social. Queimadas Amazônia. Construção da Realidade.

**Abstract**

If for a long time the traditional media were configured as the only ones responsible for narrating the facts and contributing to the process of constructing reality, currently it is noted that they have had to compete for space with the arrival of social networks, configuring a war of narratives. The article aims to investigate the war of narratives involving the political episode of burning in the Amazon. The documental research comprises the collection of the live produced by President Jair Bolsonaro on August 22, 2019 and 35 news published by the *Folha de S. Paulo* newspaper between August 19 and 22, 2019 regarding the fires. A Content Analysis is carried out based on Bardin (2011), seeking to verify how a dispute of narratives takes place between social actors – in this case, the president, the press and the sources heard by the newspaper.

**Keywords:** War of Narratives. Social Imaginary. Burns Amazônia. Construction of Reality.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: mayracoimbra@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP). E-mail: marianemottadecampos@hotmail.com

## Introdução

Nossa realidade é construída a partir de narrativas e é através delas que compreendemos o mundo. As narrativas são dispositivos discursivos utilizados socialmente com as pretensões dos sujeitos que detém o poder de narrar. As construções não costumam ser ingênuas. Ao se comunicar existe-se uma intenção em fazê-lo, mesmo que de forma subjetiva. As narrativas são, portanto, formas de exercício de poder e de hegemonia e se constroem o tempo todo na sociedade.

Se durante muito tempo acreditou-se que as mídias massivas eram as únicas responsáveis por narrar os fatos e contribuir no processo de construção da realidade atualmente nota-se que, elas passaram a ter que competir espaço com a chegada das redes sociais (RODRIGUES, 1990; FRANÇA, 2012). Essa comunicação, que se estabelece a partir das redes, possui a intencionalidade de contar uma versão própria dos fatos, de criar novas narrativas que não àquelas tradicionais. Isso se configura em uma guerra de narrativas marcada pela disputa crescente pelo controle do imaginário das pessoas acerca da realidade que as cerca (TRIGO, 2018; BARROS, 2010; CADORIN, 2014; BORGES, 2009).

O presidente do Brasil atualmente, Jair Bolsonaro, tornou-se um exemplo claro de personagem que tem se utilizado das redes na construção de suas narrativas, que segundo ele são “livres da ideologia da imprensa”, em “comunicação direta” com seu eleitorado. Ao mesmo tempo em que cria sua versão própria dos fatos que estão ocorrendo no Brasil na atualidade, Bolsonaro também tem acionado uma guerra contra as narrativas tradicionais – as mídias massivas.

Assim, pretende-se construir um trabalho a partir das discussões de imaginário social, de construção da realidade e do uso das narrativas e da guerra delas no processo midiático e político. Sob aspecto metodológico, pretende-se abordar um acontecimento relevante do governo Bolsonaro e verificar a guerra de narrativas envolvendo o veículo de massa (*Folha de S. Paulo*) e a mídia social (*Facebook*) do presidente. E como ambas as narrativas disputam a construção do imaginário social das pessoas. Para isso, toma-se como base a *live* feita pelo presidente Jair Bolsonaro no dia 22 de agosto de 2019, de 50 minutos, postada em seu *Facebook*, tratando da questão das Queimadas. Em relação à

mídia tradicional, são coletadas 35 notícias publicadas pela *Folha de S. Paulo*, no período de 19 a 22 de agosto de 2021. Coletado o material, é feita uma Análise de Conteúdo, com base em Bardin (2011).

## **1 Jornalismo como Construtor Social da Realidade e a Disputa pelos Imaginários Sociais**

Compreender qual o papel desempenhado pelo jornalismo e também pelos jornalistas em nossa sociedade trata-se de uma tarefa que instigou diversos pesquisadores. De que forma nossa realidade é construída pelo que vemos, lemos e ouvimos nas mídias? A mídia é capaz de construir perspectivas sociais? Como se dá seu papel nessa construção? Esses são alguns dos questionamentos que instigaram e continuam instigando muitos pesquisadores a se lançarem por esses caminhos. No entanto, antes de entrarmos no debate sobre o campo jornalístico como agente social e construtor de realidade, devemos retroceder um pouco e compreender como a realidade social é apreendida e construída pelo homem.

Para Berger e Luckmann (1985), o ser humano estabelece uma relação dialética com a sociedade: ao mesmo tempo que o homem constrói e molda a sociedade, ele é por ela influenciado e, conseqüentemente, por ela é moldado. Ele não é apenas produto do meio, assim como afirma Durkheim, mas também é produtor capaz de modificar a ordem social na qual está inserido. “A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 35). Essa relação paradoxal é um processo contínuo no desenvolvimento social.

Diferentemente de outros pesquisadores, que acreditam que mídia e sociedade seriam duas instâncias separadas, França (2012) enxerga a mídia como instância que faz parte da sociedade: “É uma das instituições da sociedade, e congrega os múltiplos dispositivos através dos quais essa sociedade produz e faz circular suas informações” (FRANÇA, 2012, p. 11). A mídia, segundo a autora, tornou-se um espaço privilegiado onde a sociedade é capaz de falar consigo mesma e também falar de si mesma. O que marca esse espaço são os acontecimentos, matéria-prima do jornalismo, que se constrói exatamente em torno deles. Ao jornalista, cabe a tarefa de farejar, identificar e, então, narrar. Segundo ela, nossas narrativas sociais são construídas em torno dos

acontecimentos quando estes adquirem uma nova vida, uma segunda vida: “Transformados em narrativas, os acontecimentos passam a existir também como discurso, representação” (FRANÇA, 2012, p. 14).

Para compreendermos o papel construcionista da mídia, atualmente, podemos retomar a obra de Rodrigues (1990), na qual ele já apontava indícios de que a comunicação havia atingido um espaço de centralidade na vida das pessoas. Ela havia substituído a religião e passado a dar sentido e organizado o caos social através de palavras, imagens e sons. Hoje, essa visão é ainda mais nítida. Podemos verificar, com facilidade, como o jornalismo, por meio das suas notícias, executa o papel de construir a realidade e dar sentido ao mundo onde vivemos. Ao mediar e articular discussões e acontecimentos sociais de interesse coletivo, a mídia desempenha um papel central no processo de construção social da realidade. Essa realidade é construída cotidianamente por meio da produção e consumo de notícias.

Depois de exposto a discussão sobre o jornalismo como construtor da realidade, interessa-nos discutir a importância cada vez mais reconhecida do imaginário na construção de realidade. Para Cadourin (2014), é muito comum oporem-se as noções de realidade e imaginário. Frequentemente, vincula-se a noção de realidade àquilo que é verdadeiro, e imaginário atribui-se a uma construção mental sem qualquer compromisso ou correspondência com a verdade. Maffesoli (2011) compreende o imaginário social como “o estado de espírito que caracteriza um povo. Não se trata de algo simplesmente racional, sociológico ou psicológico, pois carrega também algo de imponderável, um certo mistério da criação ou da transfiguração” (MAFFESOLI 2011, p.75). O sociólogo francês afirma que o imaginário funciona como uma aura, onde não se pode vê-la, mas se pode senti-la.

Conforme aponta o autor, é pela força do imaginário que os membros de uma comunidade se unem, ou seja, ele se consolida como “laço social”. Ao mesmo tempo em que ele respeita uma certa autonomia do indivíduo, ele também se sobrepõe a ele. “(...) o imaginário de um indivíduo é muito pouco individual, mas, sobretudo grupal, comunitário, tribal, partilhado” (MAFFESOLI, 2011, p.80). Juremir Machado da Silva também partilha desse mesmo pensamento ao argumentar que o imaginário “só se atualiza pela força de valores partilhados, de imagens reverenciadas em conjunto e de sentimentos e afetos intensificados pela comunhão” (SILVA, 2006, p.20).

Segundo Borges (2006), a noção do imaginário que nos interessa é aquela que o homem está sempre imerso numa rede de sentidos e a partir dela que eles interagem entre si e constroem suas identidades. “É a partir do social também, ou da produção social de bens simbólicos, que se estabelecem relações de poder e de sentido, onde se garanta a hegemonia ou onde seja quebrada” (BORGES, 2006, p.4). Com isso, a luta acaba sendo por significar alguma coisa, por fazer querer e pela disputa constante do domínio de construções sociais. O autor endossa que o domínio do imaginário é um importante lugar estratégico. Cabe aqui evidenciar o interesse que a mídia tem na disputa por esse lugar, ou seja, por essas produções de imaginários na retina da sociedade. Os meios de informação têm representado o principal guardião do sistema de representações, à medida que se convertem também em guardiões do imaginário social. Borges (2006) ainda acrescenta que os meios de informação frequentemente constroem em nossa visão uma perspectiva conservadora, tecendo um jogo dialético entre o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido.

Ao problematizar a questão do imaginário social, Borges (2006) argumenta que a regulação do imaginário social acaba se tornando uma peça efetiva e eficaz de dispositivo de controle da vida coletiva, ou seja, do exercício da autoridade e do poder. O imaginário passa a ser então espaço de conflitos sociais à medida que diversos campos e personagens buscam para si a legitimação do poder. Ele explica ainda que, a produção de imaginários está aberta a atividade humana, mesmo que em posições de poder assimétricas e antagônicas. O que nos remete imediatamente ao uso das redes sociais no processo de construção do imaginário social. Ainda que esteja em posição de poder assimétrica e antagônica a mídia de massa, elas têm se configurado em um importante canal de difusão de pensamentos e controle do imaginário. Borges (2006) explica que, de outro lado tem os meios de comunicação que fabricam e emitem além de informações sobre a atualidade, fabricam também os imaginários sociais, ou seja, as representações hegemonicamente construídas através de suas narrativas.

## **2 Guerra de Narrativas: das mídias massivas às mídias digitais**

Conforme discutido anteriormente e o que é proposto por Cadorin (2014), a mídia tem uma função muito peculiar de conferir sentido ao mundo através da produção de narrativas sobre a realidade. O autor explica que a realidade tal como se apresenta

pelos meios de comunicação resulta sempre de um processo de construção social. Aquilo que chega à sociedade, ainda que possa ser revestido de uma intenção demasiadamente objetiva, tende sempre a evidenciar os olhares de sujeitos que já estão de antemão inseridos num contexto social e imaginal. Dessa forma, os sujeitos enunciadores da mídia são aqueles que detêm o poder de presenciar, enquadrar e repassar a realidade apreendida: os jornalistas.

Cadorin (2014) ainda argumenta que, se toda imagem depende da produção de um sujeito, é relativamente lógico pensar que o conteúdo produzido pela mídia não retrata a realidade em si, mas uma realidade possível, a partir do olhar, dos costumes, das peculiaridades de quem a apreendeu e produziu. O que se apreende da realidade é tão somente um pequeno recorte daquilo que pode ser, a partir do que foi dito pelos enunciadores da mídia – construtora da realidade.

Molotch e Lester (1974), *apud* Traquina (2001), já dizia que, todas as pessoas precisam de notícias em sua vida cotidiana. São as notícias que nos contam aquilo que nós não assistimos diretamente e são elas quem dão como observáveis e significativos os acontecimentos que de outra forma seriam remotos. Ou seja, as notícias nos dão entre suas várias funções, a noção partilhada do que é atual e importando e do que não é.

Perseu Abramo (2016) argumenta, de forma crítica, que a mídia é quem descreve os fatos, contextualiza, dá sentido e também quem julga, quem orienta o julgamento e até mesmo a execução dos atos. Se, antes, a socialização dos indivíduos se dava basicamente na família, nas igrejas ou nas escolas, hoje, porém, tanto a família quanto a igreja ou a escola estão sendo confrontadas com outra organização: os meios de comunicação. Durante muito tempo, a mídia dominou o controle do imaginário social. No entanto, nos últimos anos, o desenvolvimento tecnológico trouxe importantes alterações que modificaram este quadro. Segundo Recuero (2007), a comunicação mediada pelo computador foi capaz de gerar uma mudança profunda nas formas de organização, identidade, conversação e mobilização social. Mais do que permitir a comunicação dos indivíduos, essas novas redes ampliaram a capacidade de conexão dos sujeitos, pois elas não só conectam computador, mas também pessoas.

Apesar de Luciano Trigo (2018) não tratar especificamente da guerra de narrativas envolvendo as mídias tradicionais e massivas, a discussão por ele apontada sobre guerra de narrativas nos interessa muito e pode ser enriquecedora para o debate. O autor argumenta que narrativas não são decalques da realidade, “são ficções mais ou

menos verossímeis sobre essa realidade, que atendem a determinados interesses em detrimento de outros” (TRIGO, 2018, p. 14).

Trigo (2018) explica que uma narrativa se constrói com o tempo, de forma paciente, no entanto, tem efeitos prolongados.

Ela diz respeito àquilo que cada indivíduo percebe como um conjunto de valores, crenças e convicções essenciais e incontestáveis, porque estruturantes de sua própria identidade. Por isso mesmo, uma narrativa vai muito além de afirmar como verdadeira uma mentira, ou como mentira uma verdade, como ocorre na guerra de informação. Ela confere sentido à vida das pessoas, proporciona a elas um senso de pertencimento, de integridade, de identidade, de propósito; dá a elas, em suma, uma razão de viver (TRIGO, 2018, p. 52).

O autor argumenta que é esse o motivo que faz com que as narrativas sob as quais se apostou tanto sejam tão difíceis de serem abandonadas. E é ainda mais difícil reconhecer que essa narrativa estava errada. Trigo (2018) explica que, depois que alguém associa – psicologicamente, simbolicamente, emocionalmente ou socialmente – sua identidade como indivíduo ao papel de agente de uma narrativa, reverter esse processo apresenta um custo emocional muito alto. Conforme aponta o autor, no esforço para afirmar uma narrativa em detrimento das outras, no embate de guerra de narrativas, a verdade importa muito pouco.

Trigo (2018) argumenta que, nesse embate alguns indivíduos têm lugar privilegiado na construção das narrativas, sendo eles: jornalistas, professores, historiadores, intelectuais, personalidades públicas que pela sua visibilidade e pela natureza de seus ofícios desempenham o papel de formadores de opinião. Nesse trabalho, destaca-se para os papéis da mídia massiva, mais especificamente da enunciação do veículo *Folha de S. Paulo* na voz do jornalista e da mídia digital - *Facebook*, mais especificamente da enunciação do sujeito Presidente da República – Jair Bolsonaro. Dois personagens que estão em constante disputa pelo controle do imaginário da população, ou daquilo que se costuma chamar de “opinião pública”.

### 3 Estudo de Caso: guerra de narrativas sobre as queimadas na Amazônia

#### 3.1 Metodologia e *Corpus* de Análise

No dia 19 de agosto de 2019 o céu de São Paulo, por volta das 15h, ficou encoberto por uma grande nuvem de escuridão. Tal fato dominou as redes e depois os jornais e foi marcado por uma guerra de narrativas na disputa pelo controle do imaginário social sobre as queimadas. Buscando observar esse entrave entre o campo midiático e político através da mídia massiva – jornal e da rede social – *Facebook* acompanhou-se o desdobramento do episódio “Queimadas na Amazônia” no jornal *Folha de S. Paulo* e os desdobramentos no *Facebook* do presidente Jair Bolsonaro. A escolha deste caso se deu por envolver dois objetos que estão sendo discutidos em outras pesquisas sob perspectiva mais ampla: o campo político e a instância midiática. A escolha desse veículo se justifica por ser o jornal de maior circulação<sup>3</sup> no País tanto no meio impresso quanto no meio digital.

O recorte utilizado para selecionar as notícias publicadas pelo jornal *Folha de S. Paulo* foram as notícias em que apareciam o termo “queimadas na Amazônia” nos três dias subsequentes ao episódio de escurecimento do céu de São Paulo, quando se começou a discussão sobre as queimadas e os impactos dela para a sociedade. No *Facebook* de Jair Bolsonaro, optou-se por analisar a *live*<sup>4</sup> produzida pelo político no dia 22 de agosto de 2019, a primeira aparição de Jair Bolsonaro após o marco inicial – céu de São Paulo - e também o dia em que o fato atingiu o maior pico de conversação, inclusive na mídia internacional. A escolha pela *live* e não pelas publicações feitas em sua rede se deu por acreditar que em razão da duração temporal (50 minutos) há um material mais coeso e compacto se comparado as publicações que seguem as características da rede - mensagens curtas, compactas e diretas. O conteúdo da *live* foi transcrito e optou-se por trabalhar apenas o texto da mensagem enunciada pelo

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/tiragem-impressa-dos-maiores-jornais-perde-520-mil-exemplares-em-3-anos/>>. Acesso em: 2 nov. 2018.

<sup>4</sup> Pontualmente, às 19 horas, o presidente Jair Bolsonaro se senta diante de uma câmera de vídeo e faz uma transmissão ao vivo – *live* - em suas redes sociais para falar de assuntos variados, inclusive aqueles polêmicos e que estiveram em pauta durante a semana. Essas transmissões são visualizadas por um número alto de pessoas, e gera também alto grau de compartilhamento.



presidente, ignorando as mensagens adjacentes que poderão se desdobrar em trabalhos futuros. Para compreender como a mídia de massa (*Folha de S. Paulo*) e a rede social (*Facebook*) construíram o fato a partir de suas narrativas optou-se por trabalhar com o método de Análise de Conteúdo.

#### 4 O Discurso Midiático: A *Folha de S. Paulo*

Ao fazer a busca pelo termo “**Queimadas na Amazônia**”, no jornal *Folha de S. Paulo*, a partir do dia 19 de agosto, dia em que o céu de S. Paulo escureceu e iniciaram os debates, foi encontrado um total de 35 notícias. Destas, quatro notícias foram publicadas no dia 20 de agosto, sete no dia 21 e 24 notícias no dia 22.

Conforme aponta Barros (2010), somos conscientes da intangibilidade do real e sabemos hoje que temos acesso apenas a sistemas simbólicos, não a um mundo em si. E são os meios de comunicação através de suas narrativas, posto que a relação com o real é fundante dos fenômenos comunicacionais, que são responsáveis por criar imaginários sociais acerca dos fatos. E é pela necessidade de dominar o caos, de organizá-lo, que o homem busca a partilha de informações. As queimadas da Amazônia são um pequeno exemplo de uma realidade apreendida e repassada através de sistemas simbólicos. E as narrativas construídas pela mídia, por sua vez, se mostram como construções de uma realidade apreendida no processo de construção dos imaginários sociais sobre o fato.

Assim, as duas narrativas construídas pelo jornal que se mostraram mais predominantes nesta análise foram: a crítica à política ambiental do governo Bolsonaro e as consequências negativas e as retaliações que o país estava enfrentando em razão das queimadas. A notícia “A longa noite do meio ambiente”, publicada na coluna de Opinião do jornal no dia 20 de agosto de 2019, afirma “(...) esse breu em pleno dia é o presságio do que a política ambiental do governo nos reserva” (*FOLHA DE S. PAULO*, 20 de agosto de 2019). Em outro momento, a mesma matéria segue dizendo “Queimar nosso patrimônio ambiental parece ser projeto. O ministro Ricardo Salles segue firme no desmonte da estrutura nacional de fiscalização – Ibama, ICMBio – do desmatamento” (*FOLHA DE S. PAULO*, 20 de agosto de 2019).

A notícia “Acusações a ONGs feitas por Bolsonaro causam indignação e espanto, publicada no dia 21 de agosto de 2019, também apresenta através da fala do

coordenador executivo do Observatório do Clima um ataque à agenda política do governo, que classifica como “antiambiental”.

E implementa agora uma agenda de ataque ao meio ambiente, com redução da fiscalização e tolerância jamais vista com quem desmata e queima florestas. A responsabilidade pela explosão do desmatamento e incêndios florestais, assim como pela destruição da imagem e reputação do país no exterior, é exclusivamente sua, de seu ministro de Meio Ambiente e de seu governo como um todo (*FOLHA DE S. PAULO*, 21 de agosto de 2019).

Nessa mesma matéria, o jornal apresentou falas da ex-ministra Marina Silva, postada em redes sociais sobre o acontecido, reforçando a crítica à política ambiental do governo. “A Amazônia está em chamas. O Ministro do Meio Ambiente fala em *fake news* e sensacionalismo. O presidente diz que ONGs podem estar por trás disso. A falta de compromisso com a verdade é uma patologia crônica. Esta postura irresponsável só agrava a emergência ambiental do país” (*FOLHA DE S. PAULO*, 21 de agosto de 2019).

A matéria “Fala de Bolsonaro confirma indiferença do governo pelo meio ambiente”, publicada no dia 22 de agosto de 2019, apresenta as consequências das medidas tomadas pelo presidente em relação à política ambiental.

O presidente trava uma guerra fútil com organizações internacionais que atuam no país. Bolsonaro acha que ganhou terreno, mas o Brasil só perdeu até aqui. Ficou sem R\$288 milhões que seriam repassados por Alemanha e Noruega para o Fundo Amazônico e viu o país perder credibilidade por suspeita de manipulação de dados do desmatamento (*FOLHA DE S. PAULO*, 22 de agosto de 2019).

Além das retaliações a nível internacional e financeiro, que foi muito explorado na narrativa das queimadas, o jornal também apresentou as consequências negativas das queimadas em relação aos transtornos de rotas de avião e ao aumento dos atendimentos de saúde em razão das queimadas, que podem ser vistos na matéria “Queimadas provocam desvio de avião e triplicam atendimentos de saúde em RO”, publicada no dia 20 de agosto.

Seguindo, as narrativas que também se mantiveram em destaque pelo jornal foi a apresentação dos dados numéricos comparativos das queimadas na Região Amazônica, demonstrando um claro aumento após o primeiro ano de governo Bolsonaro e a mobilização da população, famosos e de outros países para as queimadas, junto da repercussão das queimadas na imprensa internacional.

A apresentação dos dados comparativos de queimadas foi a tônica da maior parte das matérias. Para explicar e dimensionar a proporção dos acontecimentos, o jornal fez uso de dados numéricos para explanação da situação. Na notícia “Onda de queimadas já atinge 68 áreas protegidas somente nesta semana”, publicada no dia 20 de agosto de 2019, o jornal apresenta “Com 72.843 focos de incêndio do início de janeiro até segunda-feira (19), o Brasil já registra um aumento de 83% em relação ao mesmo período do ano passado, segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) a partir de imagens de satélite” (*FOLHA DE S. PAULO*, 20 de agosto de 2019). Nessa mesma matéria, o jornal apresenta comparações a fim de facilitar o entendimento da proporção das queimadas “Somente até a última quinta-feira (19), o fogo destruiu 32,5 mil hectares, o equivalente a 206 Parques Ibirapuera, segundo nota do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio)” (*FOLHA DE S. PAULO*, 20 de agosto de 2019).

A mobilização da população, famosos e de outros países para as queimadas também foi evidente nas matérias produzidas pelo jornal. Com o título “De DiCaprio a Camila Pitanga, famosos fazem apelo contra série de queimadas no país”, publicado no dia 21 de agosto, o jornal apresenta as personalidades que se manifestaram em favor da Amazônia, entre elas: Padre Fábio de Melo, Grazi Massafera, Elza Soares, Gilberto Gil e personalidades internacionais como: Demi Lovato, Ariana Grande, Cara Delevigne, Leonardo Di Caprio, Kim Kardashian, entre outros. A matéria “Cristiano Ronaldo, Djokovic e Hamilton reagem a incêndios na Amazônia”, publicada no dia 22 de agosto, também é exemplo desta narrativa. Vale destacar também que, na matéria “Protestos pela Amazônia devem ocorrer em ao menos 40 cidades do Brasil”, publicada no dia 22 de agosto, o jornal cria uma agenda da realização de manifestações por todo país, incluindo os dias, horários e locais de encontro.

A repercussão das queimadas na imprensa internacional também aparece na narrativa construída pelo jornal. Na matéria “‘Brasil arde’, diz El País; veja a repercussão das queimadas na mídia internacional”, publicada dia 22 de agosto, o jornal apresenta o que os principais jornais estrangeiros como *The Guardian*, *The Economist*, *The Washington Post*, *The New York Times*, *Financial Times*, *El País*, *Le Monde* e *Deutsche Welle* estavam dizendo sobre as queimadas na Amazônia. E através do discurso da mídia estrangeira também endossa as críticas à política ambiental da gestão Bolsonaro e as consequências que essa política traz para o país.

Segundo Cadorin (2014), o imaginário se atualiza pela força de valores insistentemente partilhados, de imagens, sentimentos e afetos intensificados pela comunhão. Esses valores e sentimentos partilhados, assim como as ideias comuns, difundem-se por meio das tecnologias do imaginário, em especial as de comunicação e informação, capazes de excitar os sentidos e fomentar a atividade do imaginário. A mídia de massa, pelo seu peso e sua força de atingir um grande número de pessoas ao mesmo tempo, configura-se numa importante tecnologia de produção de imaginário. Ao repetir insistentemente o discurso de que as queimadas são decorrentes da falta de uma política ambiental do governo, de que tal medida traz consequências negativas para o país, apresentando números que comprovem tais argumentos e mobilizem as pessoas a agir, a mídia atualiza o imaginário social pela narrativa insistentemente partilhada de que o governo não está certo e é preciso rever suas atitudes.

Partindo da concepção proposta por Cadorin (2014) de que o imaginário de um indivíduo é muito pouco individual e demasiadamente influenciado pela força dos membros de uma comunidade ao se unir, a mídia de massa tem papel fundamental no processo de construções sociais e na elaboração das narrativas, visto que as pessoas ainda se dirigem em grande parte a elas para se orientar, compreender aquilo que não é visível e aquilo que não é partilhado no mesmo tempo e no mesmo espaço. Há que se destacar que, a realidade é produto de uma prática social e como prática social abrange várias narrativas sobre o que é o real. E a mídia massiva é só uma das várias narrativas possíveis nesse processo de construção de imaginários e cenários sociais.

Ainda considerando o fato de que os jornais devem apresentar os dois lados de um fato e que na tentativa de ser o mais objetivo e neutro possível é preciso ouvir os dois lados, o jornal também narrou através do discurso do presidente e de seus ministros, mais especificamente Ricardo Salles e Onyx Lorenzoni, o fato de que os incêndios eram criminosos, apresentaram ataques às Organizações Não Governamentais (ONGs) e também a outros países, como uma ameaça à soberania nacional. Vale lembrar que estas foram as três narrativas menos exploradas pelo jornal, como se observa no quadro abaixo.

Quadro 2 – Narrativas acionadas no discurso midiático pelo jornal *Folha de S. Paulo*

Narrativas:	Porcentagem:
Crítica à política ambiental do governo	20,33%
Consequências negativas e retaliações	20,33%
Dados numéricos comparativos das queimadas na Região Amazônica	15,25%
Mobilização das pessoas, famosos e de outros países	11,86%
Repercussão Internacional	8,47%
Incêndios criminosos	3,38%
Ataque a outros países	5,08%
Ataque às ONGs	5,08%
Outros:	10,16%

Fonte: Elaboração própria das autoras (2020).

\*\*Uma mesma matéria pode ter apresentado mais de uma narrativa

## 5 O Discurso Político da Mídia Digital: *Facebook* de Jair Bolsonaro

Segundo Borges (2009), a produção de imaginários está aberta à atividade humana, ainda que em posições de poder assimétricas e antagônicas. Sabe-se que os meios de comunicação têm representado enquanto agência, o principal guardião do sistema de representação, à medida que se convertem em guardiões do imaginário social. Ou seja, as narrativas jornalísticas se encarregam da difusão das representações através do poder de suas narrativas diante do público, em razão da centralidade que os meios tradicionais ocupam. No entanto, ao se apresentar aberta à atividade humana, a mídia massiva tem visto despontar uma outra força assimétrica e antagônica: a das mídias digitais, que tem sido uma importar força na luta de fazer crer.

Nesse sentido, o discurso político realizado pelo presidente da República, Jair Bolsonaro, em sua rede social *Facebook* no dia 22 de agosto a respeito das queimadas na região Amazônica foi totalmente oposto aquele apresentado pelo jornal *Folha de S. Paulo*, sobre o mesmo fato. A narrativa central utilizada pelo presidente em sua rede social era a de que as queimadas na Amazônia foram criminosas, seguido do ataque a outros países em ameaça à soberania nacional. O tema das queimadas criminosas apareceu em quatro momentos ao longo do discurso e em um deles, acusou fazendeiros e ONGs pela origem das queimadas. “Aqui tem o viés criminoso? Tem. Sei que tem. Quem pratica isso? Não sei. Próprios fazendeiros, ONGs, seja lá o que for, índios, seja lá quem for. (JAIR BOLSONARO, *Live/Facebook*, 22 de agosto de 2019). Inclusive incentivou as pessoas a denunciar quem esteja “tacando fogo de forma criminosa”.

Outra narrativa muito presente no discurso em rede social e de forte apelo é o de que a preocupação dos outros países em relação à Amazônia e às queimadas que estão acontecendo por lá podem se configurar em uma ameaça à soberania nacional. “Esses países que mandam dinheiro para cá não mandam por caridade. Dá pra... espero que dê para entender isso daí. Mandam para cá com interesses de buscar aí, atingir a nossa soberania”. Em outro momento, ele volta a reafirmar “um país, não vou dizer o nome aqui, teve a desfaçatez de falar a “nossa Amazônia”, estão interessados em você brasileiro que está me assistindo aqui ou está interessado em um dia ter espaço aqui na região Amazônica para ele” (JAIR BOLSONARO, *Live/Facebook*, 22 de agosto de 2019).

A terceira narrativa muito presente no discurso do presidente é aquela crítica à mídia. Segundo Bolsonaro, as *lives* funcionam para que as pessoas tenham informações corretas, e funcione como uma oportunidade das pessoas se contraporem a narrativa produzida pela mídia massiva. “(...) nós temos que ter informações, nós temos que nos preocupar em buscar equilibrar essa narrativa de notícias sobre essa região tão rica” (JAIR BOLSONARO, *Live/Facebook*, 22 de agosto).

Entre as críticas à mídia, Bolsonaro argumenta que essa cobertura midiática em torno das queimadas na Amazônia está tomando tamanha proporção em razão da divergência da mídia com o seu governo. “Já aconteceu em 2014 uma grande queimada lá, não teve essa repercussão toda, mas quando é comigo...”. Em outro momento ele ressalta “Para que não haja dúvida, se eu tivesse chegado de Osaka e demarcado mais vinte reservas indígenas, né? Mias um estado ou dois do tamanho do Rio de Janeiro em uma reserva indígena, eu estaria bem. Ninguém estaria falando em queimada na Amazônia”. (JAIR BOLSONARO, *Live/Facebook*, 22 de agosto de 2019).

O presidente tentou construir o discurso de que incêndios são comuns, inclusive em países economicamente melhores que o Brasil e que até eles têm dificuldade para equilibrar a situação. “(...) a gente vê os incêndios na Califórnia, por exemplo, Estados Unidos, país riquíssimo, são dezenas de aviões que despejam toneladas de água e o fogo continua lambendo e queimando (...)”. Ele ainda complementa “a questão do fogo é um negócio grave, que acontece no mundo todo. Não é apenas no Brasil não”. “(...) pega se fogo, é comum”. (JAIR BOLSONAR, *Live/Facebook*, 22 de agosto de 2019). Ao apresentar essa narrativa, o presidente minimiza as queimadas e apresenta o argumento

de que controlar a situação é difícil para aqueles que têm poder econômico, imagina para os que não tem esse poderio todo, como o Brasil.

Bolsonaro ainda critica o Fundo Amazônico e o direcionamento de parte desse dinheiro ir para as mãos de ONGs. “Quando se fala do Fundo Amazônico que vinha dinheiro de fora, 40% disso ia para ONGs, dinheiro na mão de pessoas que não trabalham para o bem do Brasil, em grande parte. Trabalham para atender o interesse de quem os paga” (JAIR BOLSONARO, *Live/Facebook*, 22 de agosto de 2019). O presidente encerra a *live* afirmando que a “Amazônia é nossa” e que não vai fugir das responsabilidades, inclusive a de mostrar a verdade de tudo o que acontece no Brasil. O quadro abaixo mostra as narrativas predominantes no discurso feito no *Facebook*.

Conforme aponta Borges (2009), o imaginário social torna-se inteligível e comunicável através da produção de discursos nos quais e pelos quais se efetua a reunião das representações coletivas por meio da linguagem. Ao fazer um contra discurso àquele propagado pelas mídias tradicionais, Jair Bolsonaro travou uma luta pelo processo de fazer crer e de significar as queimadas na Amazônia. Ele trava uma disputa em torno do acontecimento, cria sua própria narrativa e se apresenta como uma segunda leitura do fato, um segundo enquadramento possível.

Quadro 3 – Narrativas acionadas no discurso de Jair Bolsonaro em *Live* no *Facebook*

<b>Narrativas:</b>	<b>Porcentagem:</b>
Queimadas Criminosas	31,25%
Ataque à outros países / ameaça à soberania	31,25%
Incêndios são comuns	12,5%
Ataque ao Fundo Amazônico	6,25%
Ataque à mídia	18,75%

Fonte: Elaboração própria das autoras (2020).

### Considerações finais

A partir do que foi discutido anteriormente, há que se destacar que existe sim uma luta por fazer crer, por significar. Existe uma disputa constante pelo domínio do imaginário social e da construção de realidade (BORGES, 2009). Atualmente, é possível verificar um embate acirrado envolvendo mídia massiva e mídia digital, objeto de estudo em questão, pelo domínio do imaginário e do simbólico, visto que este é um lugar estratégico. Por isso, a resistência midiática no processo de disputa de sentidos em relação ao espaço digital e a corrida da mídia digital para conquistar o espaço ocupado durante muito tempo pelas mídias massivas.

No episódio em questão, das queimadas na Amazônia, observou-se uma guerra de narrativas por fazer crer. Conforme aponta Trigo (2018), os indivíduos em questão – jornalista (jornal *Folha de S. Paulo*) e Presidente da República (Jair Bolsonaro) -, têm lugar privilegiado na construção das narrativas, pela natureza de seus ofícios e pelo papel de formadores de opinião. Logo, nota-se uma disputa ferrenha no processo de interpretar os acontecimentos das queimadas e de significar. A mídia massiva interpretou e significou de modo a narrar a culpa do presidente ao adotar uma política de desvalorização ao meio ambiente e em decorrência desse descaso, o País sofre, junto de sua população. A mídia digital, por sua vez, na figura do próprio presidente, na sua rede social, interpretou as queimadas e a significou diante de seu público como algo criminoso, feito para o prejudicar e queimar sua imagem diante de seu público. Outra narrativa significada pelo presidente diz respeito à soberania nacional em risco, ressaltando o fato de que os países não estavam preocupados com a situação e sim em tomar o que era nosso.

No entanto, não é intenção desse trabalho apontar qual ou quais narrativas são mais ou menos eficientes no processo de construção de imaginário ou tão pouco dizer quais narrativas são mais ou menos fieis a realidade. Conforme aponta Cadourin (2014), falar de realidade é sempre falar de perspectivas limitadas. Ela não cabe num conceito objetivo, nem sequer pode associar-se à verdade. Na discussão de imaginários há se compreender apenas que vários são os personagens em disputa, várias são as guerras narrativas travadas para apreensão do imaginário social. No imaginário, não há verdadeiro nem falso, o que existe são forças antagônicas em disputa o tempo todo.

## Referências

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARROS, A. T. M. P. **Comunicação e imaginário**: uma proposta metodológica. *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v.33, n.2, p. 125-143, jul./dez. 2010.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.



BORGES, Wilson Couto. **Narrativa jornalística e comunidade de sentidos: o papel do jornalista na formação do imaginário social.** In: VII Encontro Nacional de História da Mídia, 2009. Fortaleza.

CADORIN, Fábio. **Considerações sobre a imagem no telejornalismo e a concepção da realidade a partir do imaginário social.** In: VI Simfop –Seminário de Formação de Professores, 2014, Tubarão, Currículo e Escola, 2014.

COSTA, Cléria Botêlho. **“Imaginário: objeto da história”.** IN: Estudos – Revista da Universidade Católica de Goiás, v. 27, nº 2, pp. 193-402, abr./jun., 2000.  
ENNE, Ana Lúcia S. O caso “Mão Branca” e o fluxo da narrativa do sensacional. Niterói, UFF, 2005, Mimeo.

FRANÇA, V. O acontecimento e a mídia. **Revista Galáxia.** São Paulo: n. 24, p. 10-21, dez. 2012.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade.** In: Revista Famecos. n.15, p. 74-82, agosto, 2011.

RECUERO, R. **Redes sociais e internet.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da comunicação.** Lisboa: Editorial Presença, 1990.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário.** 2, ed, Porto Alegre: Sulina, 2006.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

TRIGO, Luciano. **Guerra de narrativas: a crise política e a luta pelo controle do imaginário.** Rio de Janeiro. Globo Livros, 2018.